

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Mato-grossense de Letras)

Monólitos Eternos

(Orações)

Cuiabá
Revista da Academia Mato-grossense de Letras
Anos XII e XIII — Tomos XXIII a XXVI
1944 — 1945

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjesquita.htm>

I

INVOCAÇÃO A JESUS

Chegamos — o mundo e eu — a uma idade de crise. Sentimos entambos a angústia de uma hora decisiva, de uma hora como, talvez, não tenha havido igual, nem haverá. Hora de crepúsculo, que pode ser alvorada ou noite definitiva; hora de transição para melhor ou para o irreparável; *hora única na vida*. O mundo e eu estacamos, indecisos, nesse vestibulo de uma era nova, *ou, pelo menos, diferente*. Será o fim? Será o começo de alguma cousa? Entre o receio de que seja o acabamento e a esperança de que possa ser a renascença de outra idade, paramos, na entredúvida, o mundo e eu, penetrados do mesmo sentimento cósmico ou pessoal, universal ou subjetivo, mas de idêntico sentimento.

A ante-velhice nos chega ao mesmo tempo, a ante-velhice que é o após-mocidade, e participa de todo o saibo da virilidade e de todo o travor da idade madura. Tarde em que luz o sol, como luzia de manhan, em céus de beleza incomparável (o céu poente e, sem dúvida, o mais belo...); outono que participa do esplendor magnífico do verão e do aconchego e recolhimento do inverno; momento psíquico em que se fundem, numa só emoção, o amor e a saudade, porque o amor ainda existe, apenas mais amplo, panteizado, despersonalizado quasi, e a saudade já começa a fazer do passado *uma realidade*, tanto maior quanto menos preciso se vai tornando aos nossos olhos o futuro...

E é nesta hora doce e amarga, de incerteza e de enleio, que comparte dos mistérios do adolescer (uma é a entrada e a outra a saída do túnel) que nós, descrentes de tudo, desesperançados de tudo, apelamos do fundo da nossa miséria e da nossa maldade, para quem, Único e sem Par, nos pode orientar e salvar. Só Tu, Jesus, tens palavras que valem, neste momento sombrio de Gethsemani, palavras que nos podem abrir novos horizontes, quando vemos — o mundo e eu — se fecharem, num céu plúmbeo, baixo e opressivo, todos os outros horizontes, não só os da matéria, mas ainda e, infelizmente, até os do espírito. Só Tu, Jesus, podes vir em socorro meu e do mundo e compreender a ânsia desmedida que enche o coração imenso da humanidade sofredora e este meu pobre, pequenino e torturado coração.

Da minha mesa de trabalho, em que escrevo, à frouxa luz dum pálido amanhecer, vejo-te a figura impressiva e admirável, que domina, sozinha, toda a História dos homens sobre a terra, domina, incontrastável, pois que deus nenhum, dos que os homens criaram, nem homem nenhum, de quantos Deus haja criado, poderá jamais merecer beijar o pó das tuas sandálias...

Vejo-te em duas gravuras clássicas em que a arte tentou fixar dois instantes da tua rápida passagem pela terra, duas alegorias que são, no instante que corre, dois símbolos inegaláveis...

Representa um, na parede fronteira, e em ponto grande, a cena do poço de Jacob, quando falavas à Samaritana. O outro, pequena redução, sobre a mesa, é o quadro da parábola suave do Bom Pastor. Nessas duas estampas vejo, viva, flagrante e realista, a solução

MONÓLITOS ETERNOS

da crise por que passamos, o mundo e eu. As tuas palavras a Fotina e a tua atitude no guiar as ovelhas escolhidas, indicam tudo, dizem tudo, valem pelo melhor programa de salvação. Para que mais? Não há mister procurar fora de Ti, aquilo que em Ti se achou. Porque Tu és, como Tu mesmo o disseste, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Ao pé da cisterna, junto à herdade de José, vejo-te enquadrado numa paisagem caracteristicamente bíblica, fechada ao fundo pelo esguio perfil dos sicômoros, sentado e tendo ao teu lado, em pé, a linda pecadora que a tua palavra converteu. «Aquele que beber da água que eu lhe der, para sempre não terá sede» — disseste-lhe, em resposta às suas objeções de incrédula e mundana. E abriste, diante do pasmo daquela criatura, o mistério da sua vida e a tragédia do seu destino, que são, ao cabo e no fundo, o mistério de todas as vidas e a tragédia de todos os destinos. E ela salvou-se, porque acreditou em Ti.

No quadrinho que tenho junto de mim, na própria secretária em que estou escrevendo, Tu me apareces na meiga tarefa do pegureiro desvelado, guiando a tua grei, num gesto da mão amável e paterna, para o aprisco seguro, ali imaginado, ao fundo, pela Igreja de Roma, com o seu zimbório de ouro, que encima a incisiva legenda: ubi Petrus ibi Ecclesia. E o armento, várias dezenas de anhos brancos, de todos os portes e idades, vai seguindo, impelido suavemente, através da planura sem fim, rumo ao redil abençoado que o há de abrigar e salvar...

Como eu vejo, nitidamente, nessas duas gravuras, a solução das incógnitas perturbadoras por que suspira, desvairada e sem norte, a alma contemporânea! Nós todos, como a rapariga de Sicchar, precisamos beber daquela água viva que mana das fontes do teu

JOSÉ DE MESQUITA

amor. Nós todos fazemos parte desse rebanho espiritual que só Tu podes e sabes conduzir. E porque não nos dessedentamos naquele manancial e porque recusamos seguir a via a que nos compele o teu cajado de Pastor e Amigo — é que o mundo e eu vivemos esta hora de incerteza e de dúvida, de dramas e de negações. Nós queremos doravante te seguir, nós queremos beber da tua água «que salta para a vida eterna».

Não queremos, porem, o Jesus desfigurado de Renan e de Strauss, nem mesmo o Jesus romantizado de Chateaubriand e de Lamennais — queremos, sim, o Jesus vivo e onipresente dos Evangelhos, único Deus que *vive realmente*, na sua Eucaristia, e que prega a Bondade sem reservas, a Irmandade humana (já que a palavra fraternidade se desmoralizou tanto depois de 1789), a Pureza e o Perdão, e que ensina ser o padecimento necessário, como um resgate e uma purificação, e diz ao Pobre, sem esperança na terra, que a sua pobreza é uma predestinação para o céu...

Na hora torva de Satan, que acende os fachos da rebelião dentro e fora de nós — rebelião do espírito, rebelião da carne, rebelião das massas — volveremos para teu regaço, Rei eterno e indefectível Juiz, que hás de salvar os que em Ti ainda confiam e esperam sinceramente, porque és o Único que não mente, como os deuses falsos, e os Gogs e Magogs de todos tempos e lugares...

Jesus, dá que te encontremos no caminho cheio de abrolhos cruéis e encruzilhadas perigosas. Dá que te ouçamos no meio do tumulto das nossas paixões e das falácias do século. Dá que te possamos reconhecer, ó Jesus, como a única e insubstituível fonte da água da vida. Guia-nos. Esclarece-nos. Vivifica-nos.

(25/10/1936, festa de Cristo-Rei)

II

O REI E O APÓSTOLO

Nas páginas grandiosas e imortais dos Livros Santos, avultam duas figuras magestosas e incomparáveis de Homens, que enchem, sozinhas, da sua irradiação magnífica, um largo período da História: David, o Rei salmista, no Antigo Testamento, e, no da Lei Nova, o apóstolo Paulo de Tarso. È para esses varões extraordinários que se me volve de preferência a idéia, quando me detenho, horas a fio, na leitura meditada desses palimpsestos divinos, que o “Boca de Ouro” inculcava como ainda mais necessária aos que vivem no meio do mundo, «por serem os mais precisados de remédio».

David e São Paulo surgem a meus olhos naquele sublime fulgor da sua projeção de criaturas superiores e predestinadas, quanto mais lhes leio a vida e lhes atento os feitos. A estes, sim, aplicar-se-ia o conceito carlileano de heróis não só do mundo natural, mas dos intermúndios do Sobrenatural e do Eterno. Sem favor ou exagero, figurariam na galeria emersoniana ou na classificação nietzscheana dos super-homens, não como o imaginára, nos seus desvarios lúcidos, o triste filósofo germânico, mas no sentido profundo e real de Homens superiores à humanidade. Verdadeiros titans do mundo moral e intelectual, guias e

orientadores dos seus semelhantes, são como gigantescos degraus de acesso na imensa escadaria da perfeição que vai do bruto ao anjo, da animalidade a Deus.

E porque, como nós todos, como o melhor ou como o peor de nós, feitos do mesmo barro miserável e frágil, tenham caído até onde o homem possa cair, em lhe faltando a Graça, David e Paulo são para nós outros, pecadores afundados no atascal de todos os pecados, exemplos de coragem e estímulos de regeneração, mais interessantes, do ponto de vista real e humano, do que os santos sem mácula, que enchem os hagiologios de um alvor nitente de lírios ou açucenas,

Acompanhando-lhes, nas suas peripécias, as vidas agitadas, e observando-lhes, através das confissões autopsicológicas, o drama interior das suas consciências, nós devemos confiar no poder infinito de reação que possui o espírito humano diante do Bem e do Mal. Sobretudo o Rei-Profeta é um condensador maravilhoso de almas, pois na sua vida e nos seus escritos estúa e palpita, no mais flagrante dos objetivismos, a polimorfia dos seres racionais.

Quasi se pode dizer que não há situação, estado d'alma, tragédia íntima que se não espelhe em uma ou outra passagem impressionante daqueles dois primeiros *Livros dos Reis*, que são a vida do filho de Isái, ou em qualquer dos versículos dos salmos, em que ele nos deixou fotografada a sua psique.

Do Apóstolo das Gentes pouco sabemos acerca da sua existência antes da queda da estrada de Damasco, queda que foi a sua ascensão. As suas Cartas, entretanto, elucidam-nos sobre a sua personalidade moral mais do que todas as biografias. E nós nos vemos refletidos também a cada passo nesses modelos de cla-

MONÓLITOS ETERNOS

reza e sinceridade epistolar, que encorajam os bons a perseverar no Bem e incitam os maus a procurar o caminho que salva.

David, porém, nós o vemos todo sem reservas nem obscuridades ou omissões, vivo, real, flagrante, desde quando aparece pela primeira vez, adolescente, «sisudo no falar e de gentil aspecto», recebendo o óleo da unção das mãos do profeta Samuel, até à hora em que, já mui senecto, «adormeceu com seus pais». E ve-mo-nos todos nele, e a ele em cad um de nós. Porque todos nós, nas encruzilhadas do viver, tivemos nossa hora de Golias e de Aquitofel, hora de vitórias e hora de perseguições, e, como ele, conseguimos acalmar, com a harpa da poesia, a cólera dos Saúes, e também — ai de nós! — sacrificamos a Urias pelos encantos de Betsabeth, desprezamos a Micol que floriu de rosas a nossa juventude pelas Abigaís especiosas e, pelas Aquinoans, procurando, já decrépitos, em Abisag, o calor da vida que inutilmente dispendemos nos dias da mocidade.

E, como David, choramos a Jônathas, o amigo e poupamos a Saul e Absalão, que nos odeiam injustamente; vêmos vir para nós Abner, que era dos contrários e se faz mais dedicado que os melhores companheiros; sofremos a guerra gratuita e sanhuda dos Filisteus e Amalecitas; e ouvimos as palavras graves de Nathan, que nem sempre nos tocam o coração empedernido...

E padecemos, a exemplo do Rei-pecador e do Rei-penitente — o mais pecador e penitente dos Reis — porque as leis morais são inexoráveis, mais que as leis cegas do mundo físico, e Deus nos permite ver em Amnon o castigo de nossos erros, impedindo-nos de construir o templo imaginado, mas deixando-nos o consolo de que os nossos vindouros, como Salomão, o hão de edificar...

JOSÉ DE MESQUITA

Paulo e David — dois símbolos admiráveis do Homem-velho e do Homem-novo, do homem imortal e sublime com todas as suas fragilidades e todas as suas grandezas, inclinado ao mal, como filho decaído da culpa, mas susceptível de todo o esplendor da Graça — dêz que, na sua imensa miséria de larva da terra, erga um momento os olhos aflitos ou estenda um instante às mãos angustiadas para Aquele que tudo pode e em quem tudo podemos!

(30/1/1938)

III

O VERDADEIRO HERÓI

Na simbologia da Bíblia, Livro dos Livros, em que se compendia tudo o que de “divino” existe no Homem, ao contrário da mítica que punha o “humano” nos seus deuses, aparece a figura do Herói supremo naquele varão da terra de Hus, cujo elogio maior vem feito nestas palavras — *et erat vir ille simplex, et rectus, ac timens Deum, et recedens à malo* — «E era este um varão sincero e reto, e que temia a Deus e se afastava do mal.»

Este varão possuía tesouros da terra, em haveres e gado, «e era grande entre todos os Orientais» mas isso não era que consistia o seu heroísmo, e, sim em virtude, que tinha singularmente, e no lembrar do Senhor nos dias prósperos e fartos, orando e oferecendo sacrifícios a Deus por todos os seus filhos.

A virtude, porem, tal é o desígnio do Eterno, nada é, nem vale, si se lhe não dá a prova da tentação, em que, como no fogo, se vê o quilate do ouro e, tal no perigo, o traço da bravura e da serenidade.

Permitiu o Senhor que Jó fosse provado e tudo o que ele tinha entregou ao poder de Satã, que invectivara o santo idumeu de piedoso e bom porque feliz e protegido da mão divina.

Retirou o Criador a sua mão e a Jó entrou o sofrer. Perdeu tudo, os bens materiais, que para muitos, escravos vis da ganância, são todo o bem; e até os filhos e filhas, em numero de dez, que eram pedaços vivos de seu coração: e longe de se revoltar e clamar contra a mão que o feria, ou que parecia abandoná-lo, Jó vasou o seu sentir neste poema, o mais admirável de quantos inspirou o sofrimento humano:

«Nú saí do ventre de minha mãe e nú tornarei para lá: o Senhor o deu e o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu; bendito seja o nome do Senhor.»

Tanto é verdade que é no crisol da dor que se apura o caráter, e que a fortuna e a grandeza amolecem os fracos, ao passo que o sofrer enrija os que são fortes. É pela reação diante dos males — e do mal, principalmente — que se conhecem os bons, pois se tornam melhores, enquanto os pusilânimes ficam acovardados, sem fé e até sem mais propensão para o bem.

O filho de Zara é o Herói do Bem — o único Herói, que culmina sobre os Heraklés e os Perseus, vencedores de monstros e de gênios, pois que mais *é vencer-se que vencer a tudo*, e maior poder tem a Paciência, a Resignação, a Serenidade que todas as forças conjugadas na natureza ou da perversão, as quais nada são diante do Espírito «sincero e reto, que teme a Deus e se afasta do mal.»

Jó, sofrendo, ouve a voz oracular de Elifaz que prenuncia a desgraça do ímpio e do avaro, apegado à matéria e seus frutos: «Eu vi o insensato com profundas raízes... a sua messe comê-la-á o faminto, e o armado o arrebatará, e os sequiosos beberão as suas riquezas.» E advertindo-o contra as queixas que fizesse,

MONÓLITOS ETERNOS

o profeta acrescenta: «Bem aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes pois a correção do Senhor. Porque Ele *ferre e cura: dá o golpe e as suas mãos curarão.*»

E Jó encontra — como todos os Jós — Baldad que, hipócrita, taxa de hipocrisia a sua virtude e lhe atira a pecha de que o seu padecer *é a pena do pecado*. Ele, todavia, não se irrita, nem contesta: aceita. (Quem é perfeito diante do Perfeito, em cuja presença «nem os céus são puros?») E sofre com heroísmo, eis que «Deus aflige assim o inocente com o ímpio» e o mais que se expande a sua dor, perante o Altíssimo, é dizendo, na sua humildade: «As tuas mãos me fizeram e me formaram todo em roda; e assim de repente me despenhas?»

E o seu consolo é, apenas, saber que «o seu remidor vive»; que no derradeiro dia ressurgirá da terra e contrastando a sua miséria com a próspera fortuna dos maus e corruptos, é-lhe conforto proclamar que Deus os abandona ao gôso dos bens terrenos (frutos do mal ou dele frutificados) para reservados ao «dia da perdição» depois da morte, e por isso é que o crime fica, muitas vezes, impune nesta vida,

E ouve de Deus a descrição de Beemot e Leviatã, os monstros do mal, que vemos coexistirem sempre com os Heróis do Bem, e aprende que ninguém se livra dos botes desses implacáveis inimigos dos homens, filhos do «Pai da mentira e do orgulho» e que, só com o auxílio do céu, se consegue os vencer.

E o Herói vence e «o Senhor se deixou dobrar à vista da penitência de Jó» e «lhe tornou em duplo, tudo o que ele antes possuía.» Lição estupenda, de que, também qualquer cristão pode ser esse Herói, o Herói único, que triunfa de tudo, «até da Morte (Morte, tua

JOSÉ DE MESQUITA

vitória onde está?)» e até da Vida, que é, ainda muito mais difícil vencer, vencendo a si mesmo, que é a Vitória do Justo, a Vitória pela Paciência e pela Fé.

(18/6/1944)